

Uma dor tão doce

Uma dor tão doce

David Nicholls

Tradução de Carolina Selvatici



Copyright © 2019 by Maxromy Productions Ltd.

TÍTULO ORIGINAL
Sweet Sorrow

PREPARAÇÃO
Nina Lopes

REVISÃO
Guilherme Bernardo
Carolina Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO
Inês Coimbra

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N518d

Nicholls, David, 1966-

Uma dor tão doce / David Nicholls ; tradução Carolina
Selvatici. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.
384 p. ; 23 cm.

Tradução de: Sweet sorrow
ISBN: 978-85-510-0574-3
ISBN: 978-85-510-0587-3 [ci]

1. Romance inglês. I. Selvatici, Carolina. II. Título.

19-59776

CDD: 823
CDU: 82-31(410.1)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Hannah, Max e Romy

O que nós, ou pelo menos eu, considero diretamente como memória — ou seja, um momento, uma cena, um fato que foi sujeitado a um fixativo e, assim, resgatado do esquecimento —, na verdade é um tipo de contação de histórias que acontece de modo contínuo na mente e muitas vezes muda ao ser contado. Existem vários interesses emocionais conflitantes envolvidos para que a vida se torne totalmente aceitável, e talvez seja o trabalho do contador de histórias reorganizar as coisas para que se adaptem a esse fim. Seja como for, ao falar sobre o passado, mentimos sempre que inspiramos.

William Maxwell, *Adeus, até amanhã*

Parte Um

JUNHO

Foi no verão em que, por muito tempo, ela não havia sido membro de nada. Não pertencera a nenhum clube e não tinha integrado nada no mundo. Frankie se tornara uma pessoa isolada, que ficava parada perto das portas e com medo.

Carson McCullers, *A convidada do casamento*

O fim do mundo



O mundo terminaria em uma quinta-feira, às cinco para as quatro, imediatamente após a festa.

Até lá, o mais próximo que chegaríamos de um cataclismo desse tipo em Merton Grange seria com os boatos sobre o apocalipse que reinavam sobre a escola uma ou duas vezes por semestre, as circunstâncias basicamente sempre as mesmas. Nada tão banal quanto uma erupção solar ou um asteroide. Em vez disso, um tabloide mencionava alguma profecia maia, algum comentário aleatório de Nostradamus ou uma simetria estranha do calendário, e se espalhava o boato de que nossos rostos iam derreter no meio dos dois tempos da aula de física. Resignado à histeria, o professor suspirava e parava a aula enquanto discutíamos quem tinha o relógio mais preciso e a contagem regressiva começava, as meninas agarradas umas às outras, os olhos fechados e os ombros curvados como se prestes a serem banhadas com água gelada, os meninos enfrentando tudo com coragem, todos nós contemplando no íntimo o beijo perdido, a aposta não resolvida, nossa virgindade, o rosto dos nossos amigos, nossos pais. Quatro, três, dois...

Prendíamos a respiração.

Então alguém gritava “bang” e nós ríamos, aliviados e um pouco decepcionados ao perceber que estávamos vivos, mas vivos com dois tempos de aula de física.

— Satisfeitos agora? Vamos voltar ao trabalho, então?

E voltávamos ao que acontecia a um corpo quando a força de um Newton o fazia se mover um metro.

Mas, na quinta-feira, às três e cinquenta e cinco, logo depois da festa, as coisas seriam diferentes. O tempo havia se arrastado por cinco longos anos, e, naquelas semanas finais, depois naqueles dias, um clima de alegria e pânico, felicidade e medo começou a tomar conta de todos, junto de um niilismo enlouquecido. Bilhetes para casa e castigos não nos afetavam mais — então, do que poderíamos nos livrar naquele mundo sem consequências? Nos corredores e salas comuns, os extintores de incêndio ganharam um terrível potencial. Será que Scott Parker diria mesmo aquelas coisas à Sra. Ellis? Será que Tony Stevens incendiaria a sala de humanas de novo?

E, incredivelmente, o último dia chegou, brilhante, iluminado, começando com conflitos já nos portões. As gravatas da escola foram usadas como bandanas e torniquetes, em nós tão compactos quanto um amendoim ou gordos feito punhos, e havia batons, bijuterias e cabelos azuis suficientes para que a escola se equiparasse a uma boate futurista. O que os professores iam fazer, nos mandar para casa? Eles suspiraram e acenaram para que entrássemos. Sem motivo plausível para definir o que é o braço morto de um rio, a última semana havia sido recheada de aulas incoerentes e desanimadas sobre algo chamado “vida adulta”, que, aparentemente, consistia apenas em preencher formulários e criar currículos (“Hobbies e interesses: socializar, ver TV”). Aprendemos a usar um talão de cheques. Olhamos pela janela para o dia lindo lá fora e pensamos: *Falta pouco agora*. Quatro, três, dois...

De volta à sala de aula no intervalo, começamos a rabiscar as camisas brancas do uniforme com canetinhas e marcadores, crianças curvadas sobre as costas umas das outras feito tatuadores em uma prisão russa, marcando todo espaço disponível com xingamentos sentimentais. *Se cuida, idiota*, escreveu Paul Fox. *Esta camisa fede*, escreveu Chris Lloyd. Com um humor lírico, meu melhor amigo Martin Harper escreveu *Amigos para sempre* abaixo do desenho detalhado de um pau.

Harper, Fox e Lloyd. Esses eram meus melhores amigos na época, não só meninos, mas *os meninos*. E mesmo que algumas meninas o orbitassem — Debbie Warwick, Becky Boyne e Sharon Findlay —, o grupo era autossuficiente e impenetrável. Apesar de nenhum de nós tocar um instrumento, nós nos imaginávamos como uma banda. Harper, todos sabíamos, era o guitarrista principal e vocalista. Fox era o baixista, um tum-tum-tum baixo e básico. Lloyd, que se autoprotomava “maluco”, era o baterista, o que me deixava com...

— As maracas — tinha dito Lloyd.

Nós rimos, e “maracas” foi adicionado a uma longa lista de apelidos. Fox as desenhou no meu uniforme, maracas cruzadas sob uma caveira, como uma

insígnia militar. Debbie Warwick, cuja mãe era aeromoça, tinha contrabandeado uma mala cheia de minigarrafas nos sabores doces que preferíamos — café e creme, menta e coco — e nós as escondemos nos punhos fechados, bebemos, nos arrepiamos e as cuspiamos enquanto o Sr. Ambrose, com os pés em cima da mesa, mantinha os olhos fixos nas imagens de *Free Willy 2* que passavam ao fundo, um presente especial ignorado por todos.

As garrafinhas serviram de aperitivo para nossa última refeição na escola. Ainda nos lembrávamos da lendária guerra de comida de 1994: os sachês de ketchup explodindo sob nossos pés, peixe empanado voando pelo ar feito estrelas ninjas, batatas assadas lançadas como se fossem granadas.

— Vai. Duvido que você faça isso — disse Harper para Fox, quando o viu medindo o peso da salsicha velha que segurava pela ponta.

Mas os professores patrulhavam os corredores feito guardas penitenciários e, com a promessa do bolo e do creme de chocolate que viriam depois, o instante de perigo passou.

Na palestra para os formandos, o Sr. Pascoe fez o discurso que todos esperaríamos, nos incentivando a olhar para o futuro, mas lembrar o passado, sonhar alto, mas suportar os momentos de baixa, acreditar em nós mesmos, mas pensar nos outros. O que importava não era apenas que havíamos aprendido — e ele esperava que fosse muito! —, mas também o tipo de adulto que nos tornamos. E nós ouvimos, jovens adultos, presos entre o cinismo e o sentimentalismo, impetuosos por fora, mas no fundo tristes e assustados. Rimos e reviramos os olhos, mas por todo o salão mãos agarravam outras mãos e fungadas eram ouvidas enquanto nos incentivavam a valorizar as amizades que havíamos feito, que durariam a vida toda.

— A vida toda? Nossa, tomara que não — disse Fox, prendendo minha cabeça com o braço e esfregando-a de forma carinhosa com os nós dos dedos.

Era hora da entrega dos prêmios, e nós afundamos nas cadeiras. Prêmios eram entregues às pessoas que sempre ganhavam prêmios, e os aplausos acabavam muito antes de elas deixarem o palco e pararem diante do fotógrafo da imprensa local, posicionando debaixo do queixo os livros que haviam ganhado, como se estivessem em um desfile. Depois, conduzidos pelo Sr. Solomon, o professor de música, a banda escolar de Merton Grange se formou para satisfazer nosso vício pelo som das *big bands* americanas com uma apresentação cacofônica e lenta de “In The Mood”, de Glenn Miller.

— Por quê? Tipo, *por quê?* — perguntou Lloyd.

- Para nos deixar no *clima* — respondeu Fox.
— Que clima? — falei.
— Um clima péssimo — disse Lloyd.
— “Foda-se”, de Glenn Miller e sua orquestra — afirmou Fox.
— Não foi à toa que ele caiu de avião — lembrou Harper.

E, quando o bombardeio chegou ao fim, Fox, Lloyd e Harper se levantaram num pulo e aplaudiram: *Bravo, Bravo*. No palco, Gordon Gilbert, que parecia enlouquecido, ergueu o bocal do trombone com as duas mãos e o jogou para o alto, bem alto no ar, onde o instrumento ficou por um instante, até cair no chão e amassar como se fosse uma latinha. Então, enquanto o Sr. Solomon gritava na cara de Gordon, nós fomos para a festa.

Mas percebo como estou ausente de tudo que aconteceu acima. Eu me lembro bem o bastante daquele dia, mas, quando tento descrever meu papel, me pego falando sobre o que vi e ouvi e não sobre algo que disse ou fiz. Como aluno, minha característica mais distinta era a falta de distinção. “Charlie trabalha tanto para alcançar um nível mediano e é o que consegue na maior parte do tempo.” Isso era o meu melhor, e mesmo aquela reputaçõzinha havia sido apagada por determinados eventos na época das provas. Eu não era admirado nem desprezado, não era adorado nem temido, não praticava *bullying*, apesar de conhecer alguns que o faziam, mas não intervinha nem me colocava entre a matilha e a vítima, afinal também não era corajoso. Nosso ano na escola foi marcado por atos criminosos prevalentes, roubos de bicicleta e de lojas e incêndios, e, apesar de me manter longe dos moleques mais ameaçadores, também não era próximo dos inteligentes e obedientes, premiados com livros. Não me conformava nem me rebelava, não colaborava nem resistia. Ficava longe de problemas sem me envolver com mais nada. A comédia era nossa grande moeda e, apesar de não ser o palhaço da turma, também não era um bobão. Às vezes arrancava uma gargalhada surpreendente da multidão, mas minhas melhores piadas eram abafadas pela voz mais alta de alguém ou eram ditas tarde demais, tanto que, mesmo hoje, mais de vinte anos depois, penso em coisas que deveria ter dito em 1996 ou 1997. Eu sabia que não era feio — alguém teria me dito — e tinha uma vaga noção dos sussurros e risadinhas de grupos de meninas, mas de que isso adiantava para alguém que não fazia ideia do que dizer? Eu havia herdado a altura, e apenas a altura, do meu pai e os olhos, nariz, dentes e boca da minha mãe — do jeito certo, segundo meu pai —, mas também herdara a mania

dele de ficar encolhido e curvado para ocupar menos espaço no mundo. Uma alteração fortuita em minhas glândulas e hormônios me poupou das enormes espinhas e cravos que literalmente deixavam cicatrizes em tantos adolescentes, e eu não era magro de ansiedade nem gordo dos salgadinhos e refrigerantes com que nos alimentavam, mas não era confiante em relação à minha aparência. Não era confiante em relação a nada.

À minha volta, os adolescentes ajustavam as personalidades com a mesma deliberação que dedicavam a mudanças de roupas e penteados. Éramos plásticos, mutáveis, e ainda havia tempo para experimentar e alterar nossas caligrafias, visões políticas, risadas, nossa maneira de andar ou de nos sentar, antes de endurecermos e nos firmarmos. Os últimos cinco anos tinham sido como um grande ensaio caótico, com roupas e atitudes descartadas, amizades e opiniões espalhadas por todo o chão — assustadores e emocionantes para quem havia feito parte deles, enlouquecedores e absurdos para pais e professores sujeitos às frágeis improvisações e obrigados a arrumar a bagunça.

Logo seria hora de nos acomodarmos em um papel em que talvez nos encaixássemos de modo plausível, mas, quando eu tentava me ver como os outros me viam (às vezes de forma literal, tarde da noite, encarando profundamente o espelho de barbear do meu pai, o cabelo penteado para trás), eu não via... nada de especial. Ao observar minhas fotos daquela época, me lembro das primeiras encarnações de um personagem de desenho animado, dos protótipos que se parecem com a versão final, mas são, de algum modo, desproporcionais, não muito bons.

Nada disso ajuda muito. Imagine, então, aquela foto da turma que todos têm, com rostos pequenos demais para identificar alguém sem observar de perto. Tenha ela sido tirada cinco ou cinquenta anos antes, há sempre uma figura familiar na fileira do meio, alguém sem histórias nem associações, sem escândalos nem vitórias. Você se pergunta: *quem* era esse mesmo?

Esse era Charlie Lewis.